



Outono em Cracóvia. Fotografia. 2023.
Crédito: Ana Lúcia Beck.

INFRAESTRUTURAS CONTESTÁVEIS NOTAS SOBRE O CONGRESSO 2023 DA AICA INTERNATIONAL ANA LÚCIA BECK - ABCA/GOIÁS

RESUMO: Neste artigo apresentamos um breve relato sobre o Congresso da AICA realizado em novembro de 2023 na cidade de Cracóvia, na Polônia. Nossas considerações pautaram-se por impressões gerais sobre a organização e o programa do Congresso, mas também sobre a relação intrínseca entre a realização deste e algumas características da cidade em questão. Trata-se de um relato que se aproxima do relato de viagem. Antes de ser uma notícia baseada no cotejamento de fatos, tratou-se de refletir a partir das impressões e percepções recolhidas ao longo dos dez dias em que estive na cidade, considerando assim o pré e o pós-congresso. Ao longo desse relato, discorreremos também sobre palestras e comunicações que me chamaram a atenção assim como sobre as discussões e desafios que a Associação deve enfrentar nos próximos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Congresso AICA 2023, Relato, Cracóvia

ABSTRACT: In this article we present a brief report on the AICA Congress held in November 2023 in the city of Kraków, Poland. Our considerations were guided by general impressions about the organization and programme of the Congress, but also by the intrinsic relationship between its configuration and some characteristics of the city in question. This is a report that is close to a travel report. Being not based on the comparison of facts, it is based on the impressions and perceptions gathered over the ten days I was in the city, thus considering the pre- and post-congress dates. Throughout this report, we also address lectures and communications that caught my attention, as well as the discussions and challenges that the Association should face in the coming years.

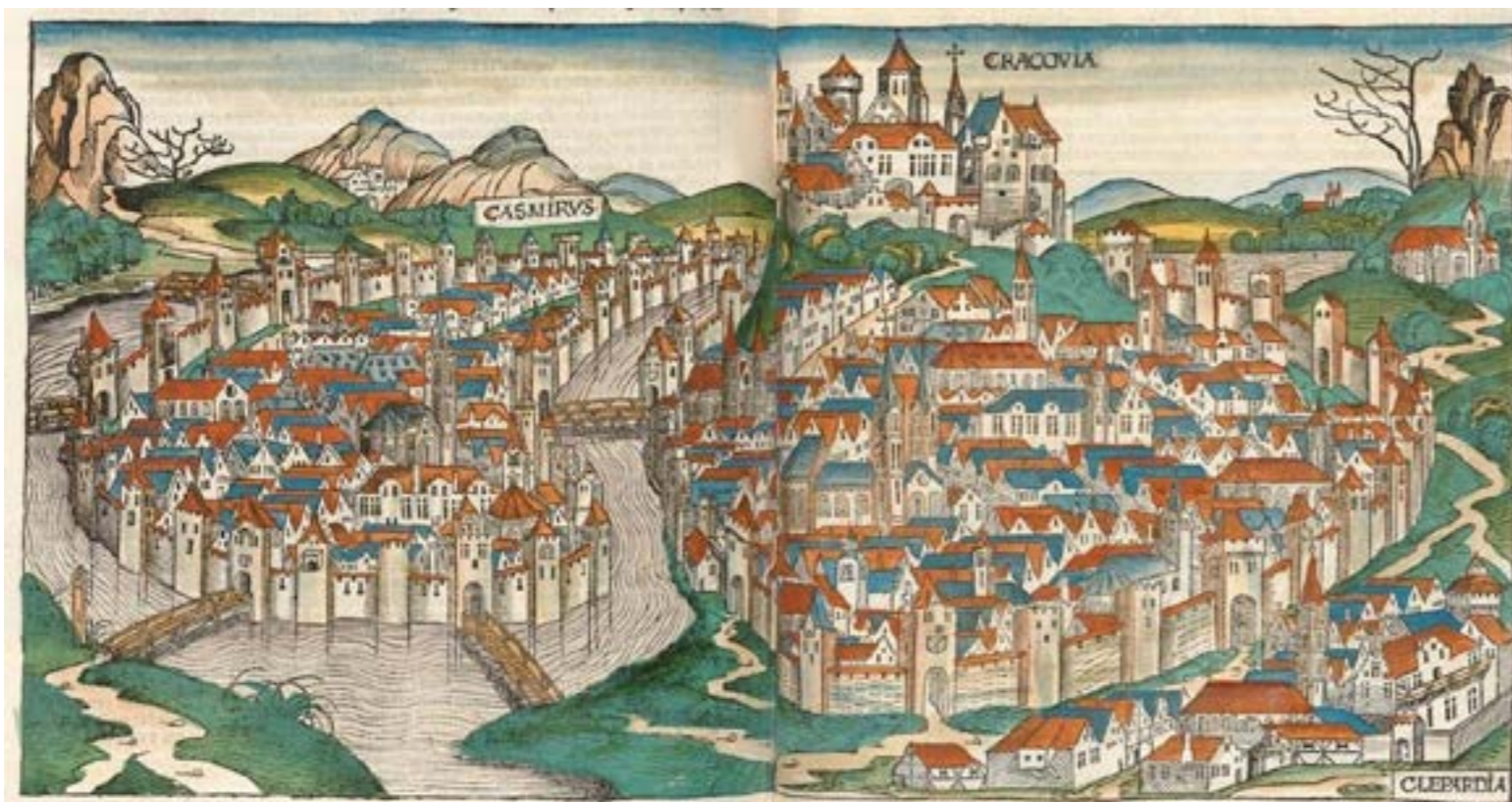
KEYWORDS: AICA 2023 Congress, Impressions, Krakow

Entre 13 e 17 de novembro de 2023, ocorreu o 55º Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA Internacional), na Polônia, com o tema *Infraestruturas Contestadas - Crítica de arte e a institucionalização da arte*. O Congresso desenvolveu-se ao longo de seis dias, com intensa programação na cidade de Cracóvia, após os quais realizou-se uma viagem a

Tarnów o que reforçou o contraste entre a forma como a arte tem estabelecido seus circuitos em distintas cidades do país que há algumas décadas deixou de fazer parte do Bloco do Leste.

Eu havia visitado Cracóvia uns anos antes, durante a realização de meu estágio doutoral no King's College, ao retornar de um congresso na cidade de

Katowice. Em janeiro de 2016, conheci a cidade em inverno pleno e fiquei impressionada com a experiência histórica que a mesma oferece. Afinal, a segunda maior cidade do país, com aproximadamente 775 mil habitantes (censo de 2019), desenvolveu-se ao redor da cidade antiga, capital do país no medievo, declarada patrimônio cultural pela UNESCO na década de



Michael Wolgemut e Wilhelm Pleydenwurff. *Cidade de Cracóvia*. (páginas 611 e 612 da *Crônica de Nuremberg*). Xilogravura. 1493. Disponível em: https://www.loc.gov/resource/gdcwd1.wd1_04108/?sp=16&st=gallery



Entrada na Cidade Antiga de Cracóvia pelo norte. Fotografia. 2023. Crédito: Ana Lúcia Beck.



Visão do Castelo Wawel desde o Sudoeste no dia da Comemoração da Independência. Fotografia. 2023. Crédito: Ana Lúcia Beck.

1970. A cidade antiga preserva sua estrutura delimitada em toda extensão por um muro ladeado por extenso parque situado sobre o que foi um fosso antes da época em que Nicolau Copérnico frequentou a Universidade Jagiellonian (https://en.uj.edu.pl/en_GB/start), pouco após sua descrição ter sido incluída na *Crônica de Nuremberg* de autoria de Michael Wolgemut e Wilhelm Pleydenwurff.

Ladeada a sudoeste pelo rio Vístula, em cuja curva se situa o castelo Wawel, a cidade oferece uma imersão no tempo ainda não subjugada pela intensa *macdonaldização* de outras cidades turísticas históricas na Europa. Entra-se no centro histórico por diferentes pontos, incluindo o portão medieval preservado ao norte e a atmosfera pode ser apreciada através de caminhadas ou passeios de carruagem pelas ruas de paralelepípedos, inacessíveis em sua maioria aos carros, das quais se pode apreciar a arquitetura dos prédios que remontam aos séculos XVI e XVII e encontram-se muito bem preservados, bem como visitar diferentes pontos históricos como a Basílica de Santa

Maria. Conforme comentei comigo Anda Rottenberg, ex-presidente da AICA Polônia e vice-presidente da AICA Internacional, a experiência imersiva que a cidade oferece é em grande parte fruto do fato de que os alemães consideravam Cracóvia uma cidade alemã, motivo porque a cidade não sofreu bombardeios intensos, tais como os que ocorreram em Warsóvia, à época da Segunda Guerra Mundial.

Pensava eu, em minha modesta ignorância, que teria a oportunidade, ao longo das atividades do congresso, de rever alguns dos locais que eu já havia visitado, tais como o Castelo Wawel, onde fui informada que Albrecht Dürer teve um irmão, também pintor, responsável pela execução da decoração em algumas das paredes do castelo medieval que passara por uma reforma durante o Renascimento. Ledo engano! Para o bem e para o mal, a intensa programação do Congresso tirou partido da faceta de Cracóvia que eu desconhecia: sua extensa estrutura institucional voltada à arte, sua significativa relação cotidiana com a arte e a cultura, seu sucesso na condução de políticas

públicas voltadas à arte e à cultura após a saída da Polônia da antiga União Soviética.

Por um lado, o retorno à cidade durante o outono, período de intensa movimentação turística local e nacional e período de rara beleza pela alteração da coloração das folhas das muitas árvores presentes no parque que circunda a cidade antiga, permitiu que se percebesse ainda melhor o intenso sentimento nacionalista da população o que pode ser notado justamente no final de semana anterior ao Congresso, quando se comemorou a independência do país. Com bandeiras da Polônia espalhadas por muitos prédios da cidade, a intensa movimentação patriótica, com a disposição de muitas flores e guirlandas, chamou a atenção para as milhares de estátuas e esculturas distribuídas pelo tecido urbano que comemoram e homenageiam heróis e figuras nacionais. O Congresso da AICA tirou partido de tal efervescência cultural ao distribuir muitas atividades em diferentes aparatos culturais que não somente foram parceiros na organização do



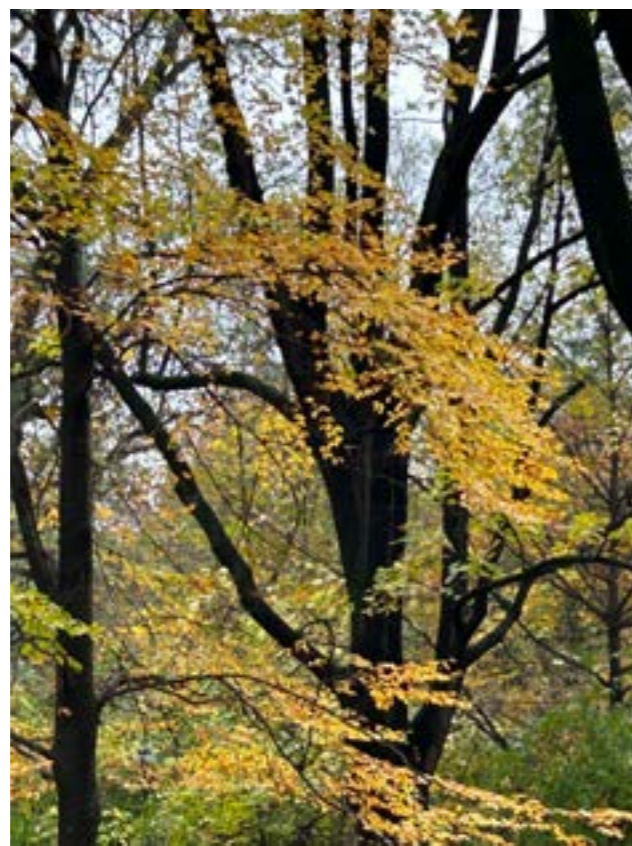
Czesław Dzwigaj. *Monumento ao Marechal Józef Klemens Piłsudski* (1867-1935), atuante na Ação pela Independência em Cracóvia, e *As Quatro Legiões*. Conjunto Escultórico inaugurado em 10 de Novembro de 2008 (Véspera dos 90 anos da Independência). Bronze

evento, cedendo seus espaços para a realização das mais diferentes atividades, como oferecendo aos participantes a oportunidade de visitá-los e experienciá-los de forma muito particular.

Foi assim na primeira noite do Congresso, quando Anda Rottenberg proferiu uma instigante palestra sobre sua atuação e de demais colegas da AICA Polônia entre as décadas de 1970 e 1990, comentando principalmente sobre iniciativas e desafios de caráter político enfrentados no período. A fala de Anda ocorreu no auditório da Cricoteca (https://www.cricoteca.pl/pl/en_us/), instituição voltada à memória e preservação da produção do artista Tadeusz Kantor. Ao longo desta primeira noite, também puderam ser visitadas as exposições de Maria Stangret, *Playing Places*; e de Tadeusz Kantor, *Spectres* e *Omnia* antes de um prato de sopa tradicional polonesa à base de repolho.

Muitas atividades culturais que fizeram parte da programação celebraram a vida e obra de Tadeusz Kantor, artista e diretor de teatro

intensamente cultuado pelo circuito local. Parte de sua produção pode ser vista durante a abertura da exposição *Café Europe*, realizada no primeiro dia do congresso na galeria de arte da Academia de Belas Artes de Cracovia (<https://www.asp.krakow.pl/>), onde também visitamos a exposição *Hacking*



Outono em Cracóvia. Fotografia. 2023. Crédito: Ana Lúcia Beck.



Beata Stankiewicz. *Anda Rottenberg*, da série *Dez Judeus que tornaram a Polônia famosa*. 2018. Óleo e caneta marcadora sobre tela. 100 x 70 cm. Coleção do Museu de Arte Contemporânea MOCAK. Crédito: Ana Lúcia Beck.

the Human do artista performático Sterlac (Stelios Arcadiou).

Ao longo da intensa programação que ocorria durante o dia com palestras e comunicações no auditório da *University of the National Education*



Apartamento e atelier nos últimos anos de vida de Tadeusz Kantor. Fotografia. 2023. Crédito: Marc Michael Moser.

Commission, falas de boas vindas, lançamentos de livros, palestras e entrega da premiação da AICA, assim como visitas guiadas possibilitaram que os participantes conhecessem locais e instituições tais como o Museu

da Fotografia (<https://mufo.krakow.pl/>) com uma exposição de Edward Steichen; o Centro Internacional de Cultura (<https://mck.krakow.pl/main-page>), onde foi lançado o livro *Unpacking the Archive: Connecting Pasts and Futures of Art Criticism in Central and Eastern Europe*; o Museu de Arte Contemporânea (MOCAK, <https://en.mocak.pl/>); o Museu Manggha (www.manggha.pl/en), com uma exposição de Agata Agatowska; o Museu Czartoryski com sua *Dama com Arminho* de Leonardo da Vinci, entre outros cujas coleções congregam a arte dos séculos 19 ao 21, incluindo-se vestuário e mobiliário tais como o Museu Nacional de Cracóvia (Muzeum Narodowe <https://mnk.pl/branch/mnk-the-main-building>) cujas filas para aquisição de ingressos ou mesmo para entrega e devolução de casacões e mochilas demandavam algumas horas de espera. Sim, aos domingos, o museu que exibia nesse momento uma exposição sobre o artista Matejko intitulada *O pintor e a história*, estava lotado de pessoas de todas as idades em mais um testemunho sobre a relação fulcral da cidade

com a cultura. Nesse momento, percebe-se porque a cidade tem 5% de seu orçamento anual dedicado às artes - segundo nos informou o representante do gabinete do prefeito de Cracóvia em sua fala de boas vindas na noite de entrega da premiação aos jovens críticos ocorrida no Museu da Fotografia.

A intensa programação - que ocorreu diariamente das 10 horas da manhã às 10 horas da noite - sem contar as idas aos bares locais realizadas pelos participantes mais resistentes entre os quais raramente me incluí - se por um lado foi bastante extenuante, por outro possibilitou a imersão

no circuito cultural local de forma muito especial. Entre as comunicações e palestras realizadas pelas manhãs e à tarde, as noites dedicadas à programação nessas diferentes instituições permitiu os momentos mais intensos de trocas e conversas entre os participantes enquanto jantávamos - geralmente em pé - um



Jan Matjeko
(1838-1893).

Exodo de estudantes de Cracóvia em 1549.
1892. Óleo sobre tela. 97 x 194 cm. Acervo do Museu Nacional em Cracóvia. Crédito: Ana Lúcia Beck.

prato de sopa típica que precisava ser equilibrado na mão esquerda com uma taça de vinho, ou um pedaço de doce na mão direita. Apesar das jantadas em *ambiente* espartana, esses momentos de conversa - assim como aqueles realizados nos *coffee breaks* e rápidos almoços, esses últimos à mesa - propiciaram-me as melhores conversas, bem como conhecer um pouco mais a fundo participantes de diferentes lugares do mundo, porém majoritariamente da Europa. Essas conversas foram significativas para conhecer-se o perfil, a atuação, as inquietações e motivações dos associados da AICA, algo mais difícil de ser percebido nas comunicações. Por um lado, as comunicações, como tem se tornado infelizmente habitual nos congressos hoje em dia, precisavam ser realizadas em torno de 15 minutos o que deixava as falas por demais sintéticas. Por outro lado, com uma programação tão intensa e um cronograma tão apertado, poucas vezes houve de fato uma sessão de debate após uma mesa de comunicações. Diferenciaram-se nessas paisagem aquelas comunicações que se desenvolveram

com maior leveza e humor tais como a fala de Omar Mirza (AICA Eslováquia), *The position of Slovakia's public cultural institutions in the context of a more dynamic independent art scene and the search for possible new roles of the neglected art criticism*; e de Jasmine Amussen (AICA EUA) *No 'New York Habits': Southern diplomacy and Atlanta's cultural engineers*; assim como a divertida fala de Jean

Bundy (AICA EUA/Editora AICA E-MAG) intitulada *Institutional objects on display - remaining? OR restituted?*

Com relação às comunicações apresentadas, se as mesmas por vezes deixaram o Congresso demasiado polonês, é compreensível que a Comissão Organizadora tenha privilegiado a presença dos representantes locais especialmente face ao fato da



Registro da noite de lançamento do livro *"Unpacking the Archive: Connecting Pasts and Futures of Art Criticism in Central and Eastern Europe"*. Fotografia, 2023. Crédito: Marc Michael Moser.



Participantes do Congresso da AICA em deslocamento nos bondes da cidade de Cracóvia. Fotografia. 2023. Crédito: Marc Michael Moser.

AICA Polônia ter um número muito significativo de associados à AICA, seja em função do apoio, financeiro inclusive, garantido pela cidade de Cracóvia à realização do evento. Todo o nosso deslocamento pela cidade, por exemplo, que ocorria majoritariamente com os bondes elétricos, foi garantido por um passe de transporte da cidade válido por sete dias. Assim, penso que a organização do Congresso contribuiu, ao incluir muitas comunicações de

jovens críticos e curadores poloneses e dos países vizinhos do leste europeu, com uma ação alinhada às discussões e preocupações do Congresso, tais como o questionamento sobre como efetivar uma descolonização do sistema artístico, tornando-o mais inclusivo não somente na constituição de acervos e na fundamentação de curadorias, mas na participação mais significativa de atores periféricos inclusive na própria AICA.

Desse ponto de vista, foram muito interessantes as comunicações em torno de iniciativas, principalmente de caráter curatorial e institucional, de países fora do eixo central europeu, tais como França, Inglaterra e Alemanha, sobretudo aqueles do antigo Bloco do Leste. Algumas das comunicações foram, portanto, de profissionais como Magdalena Mazik, Doutoranda na Jagiellonian University (Department of Anthropology of Literature and Cultural Studies) e Chefe de Educação e Serviços de Biblioteca do MOCAK, *The community of experience. Redefining art institutions through archives and art education*, na qual discorreu sobre a relação entre o acervo e o programa educativo do Museu. A inclusão de sua comunicação, associada à visita guiada por ela no MOCAK, ofereceu uma perspectiva múltipla para conhecermos o museu e suas práticas por duas vias, o que contribuiu de forma relevante para uma prática inclusiva dentro da própria AICA que poderia ser mantida em outros congressos. Afinal, e como essa foi minha primeira participação em um congresso da

AICA presencialmente espero não estar falando besteira, não é sempre que temos a oportunidade fora de situações de pesquisa formalizada de visitarmos uma instituição cultural e museal (especialmente as menos centrais, conhecidas e insensadas) tendo acesso não somente à visita guiada por profissionais chave dentro da instituição, mas também ao tipo de pesquisa e reflexão que tais profissionais realizam em torno dos pilares que definem a AICA: a atuação crítica em ensino, em curadoria, bem como nos meios de comunicação.

Outra comunicação que me chamou a atenção foi a de Vera Mlechevska (AICA Bulgária), *On some trends in contemporary artistic life in Bulgaria*, que discorreu sobre o uso de espaços alternativos em seu país como forma de manter a arte contemporânea circulando sem o contato entre pessoas, abordagem desenvolvida pela Sofia Art Projects () em função da pandemia de Covid 19. Em suas palavras:

The Covid and post-Covid periods also stimulated other changes, such as the type of venues

and ways of presenting art. For example, faced with the potential of another quarantine, some artists and curators turned to spaces that could show art without the need for face-to-face contact. This is how the Sofia Art Projects project emerged, which takes place in abandoned shops and storefronts in the underpass of the presidency and the Posta Gallery, which is a storefront on one of the capital's boulevards. "Home galleries" have also appeared, as well as galleries in out-of-town spaces. Atypical spaces such as private apartments and villas, garages, former shops and even toilets began to be used to display art. (Mlechevska, 2023, p. 37).

Para maiores detalhes sobre as comunicações apresentadas, pode-se acessar o livro de resumos disponíveis aqui:

<http://aica.sztuka.edu.pl/wp-content/uploads/2023/11/Abstrakty-2.pdf>

As discussões que se seguiram a algumas sessões de comunicações,

assim como parte da discussão da Assembléia Geral, confrontaram a AICA com seus desafios mais urgentes. Por um lado, questionou-se a transparência e os critérios de aceite de novos sócios. Em depoimentos, afirmou-se que muitos críticos de renomada atuação em seus países não tiveram suas candidaturas aceitas, sendo que outros profissionais cuja importância não seria tão relevante o foram. Esse questionamento me pareceu muitíssimo relevante, principalmente quando a média de idade dos associados presentes no Congresso se situava na faixa dos 50 aos 60 anos. Como tornar a AICA mais representativa e inclusiva para as novas gerações é uma questão urgente e que já enfrentamos com algum sucesso nas últimas gestões da ABCA. Todavia, a inclusão de representantes de países situados fora do eixo Europa-América do Norte, me parece ser o desafio mais complicado que a AICA deve enfrentar nos próximos anos. Enquanto associação internacional, a AICA possui baixíssima representação na África, Oceania e Ásia, como pode ser conferido em seu gráfico



Jan Matjeko. Detalhe de *Exodo de estudantes de Cracóvia* em 1549.
Crédito: Ana Lúcia Beck.



Basilica de Santa Maria em Cracóvia vista desde os arcos do mercado em sua praça central. Fotografia. 2023. Crédito: Ana Lúcia Beck.

de associados disponível no site: <https://aicainternational.news/cartography>. Como tornar a AICA mais acessível e presente em tais regiões do mundo é fundamental para que maior diversidade de atores e insituições contribuam para uma descolonização efetiva do circuito.

Entre os acertos da organização do Congresso, gostei de ter conhecido por vídeo, lendo sua belíssima crítica a jovem Chenoa Baker (EUA) que não pode participar do congresso. Bom teria sido termos tido a possibilidade de ouvirmos e lermos naquele momento os textos dos outros dois premiados, a simpatíssima Katarzyna Cytlak (Polônia) que participou do congresso e Tabish Rafiq Mir (Kashmir). Os textos dos jovens críticos premiados encontram-se disponíveis aqui: <https://aicainternational.news/young-critics-prize>

Outro acerto muito interessante foi a iniciativa executada pelos participantes da AICA Academy de recolherem ao longo do congresso depoimentos dos participantes sobre o que os motivava a escreverem

sobre arte, depoimentos que foram divulgados ao longo do Congresso na página da AICA no Instagram (@aica_int). Depoimentos que variavam entre minha própria percepção de que “Eu descobro o que realmente penso quando escrevo” a depoimentos mais realistas como o de Stephen Schmidt-Wulffen: “Eu parei. Não consigo sobreviver. Não consigo bancar minha vida com a escrita sobre arte”. Esse último um depoimento que condiz com o levantamento feito pelos participantes da AICA Academy sobre o que de fato garante a subsistência dos associados da AICA. Segundo o levantamento realizado diariamente, majoritariamente os associados garantem sua subsistência através da atuação no ensino universitário e com a realização de curadorias, entre milhares de outras atividades exercidas que, segundo a publicação do dia 14 de novembro, demonstram os aspectos invisibilizados da atuação no circuito artístico.

A AICA Academy, iniciativa de gestão de 2020 da AICA retomada neste ano, foi outra inciativa voltada à maior inclusividade na Associação, tendo

sido composta por 10 críticos de arte e artistas não associados à AICA, selecionados através de edital que foram hospedados na *House of Empathy* durante o congresso. A iniciativa visava promover o envolvimento com a Associação e os contemplados foram convidados a participar de todas as atividades do Congresso que tinha acesso livre também para estudantes de Cracóvia embora eu não tenha percebido a participação desses últimos. Nas palavras de Luis Sandes, associado da ABCA e selecionado para a AICA Academy, a mesma

Foi a retomada de um projeto de alguns anos atrás, que tem o objetivo de atrair “jovens críticos” à associação. É certo que a média de idade dos sócios é elevada e iniciativas como essa são importantes para incluir pessoas em estágios mais iniciais em suas carreiras.

O congresso em si foi muito intenso - palestras, comunicações, visitas a museus, almoços, jantares e recepções. Antes de seu início, tivemos

a reunião do AICA Academy, que aconteceu na *House of Empathy*, onde gentilmente nos hospedaram durante a semana do congresso. A reunião teve a participação de dez jovens críticos de diversos países, Mathilde Roman, Marc Partouche, Jean Bundy e Liam Kelly. Entre os tópicos discutidos, destaco a precarização da atuação profissional na área de arte.

Estão programadas atividades para a sequência. Em dezembro, aconteceu um *webinar* aberto para dar andamento à discussão ocorrida na Polônia e avaliar a publicação de textos de alguns dos participantes da AICA Academy na *newsletter* da Associação. (Sandes em depoimento à autora via mensagem de What's App em 11 de janeiro de 2024).

Entre as palestras de convidados, chamaram-me a atenção especialmente a fala da artista brasileira radicada há muitas décadas na Alemanha, Maria Thereza Alves (<http://www.mariatherezaalves.org/>). A artista

que trabalha com aquarelas, instalações, fotografias e vídeos apresentou trabalhos, muitos dos quais realizados no Brasil com comunidades tais como o Quilombo Caçandoca em São Paulo onde desenvolveu uma pesquisa sobre flora invasiva em 2023. De sua produção em perspectiva decolonial chamou a atenção para a série *Seeds of Change: A Ballast Flora Garden* (2018) e *On the Need of Remembering Here before the Onslaught of There Began* (15ª Documenta, 2022), dentre sua produção que reafirma o caráter de pesquisa histórica alinhada a outras áreas do conhecimento enquanto base essencial para o desenvolvimento de poéticas visuais contemporâneas. Assiste-se em sua produção ao desvelamento das facetas menos evidentes do processo colonial, o desenraizamento mesmo da colonialidade.

Em contraste, a palestra da crítica e curadora Karen Archey (curadora do Museu Stedelijk em Amsterdã) centrou-se nas características das ondas históricas da crítica institucional, questão abordada no livro lançado em 2022 *After Institutions* (Floating Opera

Press), no qual ela reflete sobre as complicações sociopolíticas da arte contemporânea, expandindo a definição de crítica institucional, olhando além do que as instituições culturais eram, para refletir sobre o que ainda são hoje e o que poderão vir a ser no futuro próximo. Uma das questões mais provocativas trazidas por ela foi perguntar sobre o que deveríamos fazer com os museus que ainda se enquadram em um modelo questionável do ponto de uma revisão crítica: devemos queimá-los? Provocação sem resposta que aponta o quanto a temática escolhida para o Congresso - Infraestruturas Contestadas - na realidade qualificava-se por enquanto como "Infraestruturas Contestáveis". Em outras palavras, há uma ampla aceitação de que determinadas práticas e modelos institucionais do sistema artístico devam ser questionadas e reestruturadas face a novas perspectivas tais como a do debate decolonial, embora não se aviste como viabilizar tais inquietações na prática institucional sobretudo. Temos à frente um amplo campo de debate e de experimentação que - penso - devemos investigar com ousadia.



Arkadiusz Półtorak (Presidente da AICA Polônia) e Margorzata Kaźmierczak (Vice-Presidente da Aica Polônia e da AICA Internacional) na noite de abertura na Cricoteca. Fotografia. 2023. Crédito: Marc Michael Moser.

Na tarde do sexto dia, antes da viagem à cidadezinha de Tarnów para a qual apenas parte dos participantes tiveram fôlego, encerraram-se as atividades no auditório da Universidade de Pedagogia com um sabor de tristeza e amargura.



Nikita Kadan em participação on-line na última tarde do Congresso. Fotografia. 2023. Crédito: Ana Lúcia Beck.

Falando via internet com o auditório, estive o artista ucraniano Nikita Kadan (<http://nikitakadan.com/>) que nos foi apresentado pelo presidente da AICA Polônia, o sempre sensível e simpático anfitrião Arkadiusz Półtorak. Mas, quanto a essa fala, nada do que foi objetivamente dito por Nikita ficou retido em minha memória. Daquela tarde melancólica a lembrança que guardo foi de estarmos todos sensibilizados e emotivos por sermos testemunhas de um ato de resistência: o artista trancado em seu atelier cujas janelas estavam tapadas com panos e lençóis dividindo conosco a dor e o horror da guerra ali tão perto de nós. A sequência da programação daquela noite, que incluiu uma visita a uma exposição de artistas ucranianos refugiados na Polônia e o acompanhamento de uma transmissão do coletivo UKRAiNATV (<https://ukrainatv.streamart.studio/>) em seu estúdio só reiterou a percepção sobre os tempos difíceis que enfrentamos no qual tantas vozes e obras se calaram ou foram caladas em função de guerras que, afinal, estão sempre no nosso quintal!



Os resistentes participantes que tiveram fôlego para o sétimo dia de atividade em visita à exposição “*Hymn of Love*” da artista Magdalena Miłoś na Gabinete de Exposições de Arte (Biuro Wystaw Artystycznych) na cidade de Tarnów. Fotografia. 2023.

Crédito: Marc Michael Moser.

ANA LÚCIA BECK

Associada à ABCA e Vice-Presidente para a Região Centro-Oeste, Ana Lúcia é também sócia da AICA, tendo sido eleita para compor seu Conselho Internacional no ano de 2024, e da Sociedade Europeia de Literatura Comparada. Possui doutorado em Estudos Literários (Literatura Comparada), durante o qual realizou estágio doutoral no King’s College, e mestrado em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica da Arte) ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ana Lúcia atua na Universidade Federal de Goiás (UFG) na Faculdade de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Anteriormente, foi docente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde também realizou pesquisa de pós-doutorado em Artes Visuais. Suas investigações

e produções tem se centrado nas produções artísticas contemporâneas e, em especial, às possibilidades metodológicas entre as artes visuais e literatura, assim como à relação entre verbo e imagem tanto nas obras visuais, como na concepção do texto de crítica de arte. Entre suas publicações, destaca-se *Voilà mon Cœur: it’s been to hell and back! José Leonilson’s and Louise Bourgeois’ poetic images on longing and belonging* em “(Re)Writing Without Borders - Contemporary Intermedial Perspectives on Literature and the Visual Arts”, organizado por Nina Schiel e Briguitte Le Juez, Common Ground Publishing, 2018; e *Silent Landscapes: A comparative approach to José Leonilson and Louise Bourgeois* publicado no *Canadian Review of Comparative Literature*, Universidade de Alberta, v. 44, n. 2, Junho 2017.